

## ABORDAGENS LÚDICAS NA ESTIMULAÇÃO COGNITIVA NO TRANSTORNO DO ESPECTRO DO AUTISMO – ESTUDO DE CASO

Ana Helena Soares Cordeiro Xavier <sup>1</sup>

### INTRODUÇÃO

Autismo é considerado um Transtorno Global do Desenvolvimento, pois se caracteriza por variações de intensidade relacionadas à comunicação, interação social e comportamentos atípicos (empilhar objetos com firmeza, atenção exagerada a um determinado objeto, obsessão por determinados objetos). Tais alterações afetam diretamente o indivíduo, uma vez que terá dificuldades de interação e adaptação social. Essas dificuldades são perceptíveis antes dos 03 anos de idade e perduram pela vida inteira. Ocorre um maior número de casos em crianças do sexo masculino, porém as causas não estão consistentemente esclarecidas.

O indivíduo que tem TEA (Transtorno do Espectro Autista) possui características singulares, mesmo havendo uma variação dos sintomas de um indivíduo para o outro, alguns podem ser comuns, como por exemplo: dificuldade na fala, dificuldade para realizar atividades repetitivas, desinteresse nas relações interpessoais, resistência a mudanças na rotina, apego a alguns objetos, ausência ou quase nenhum contato visual, ecolalia.

Por se tratar de uma síndrome que afeta vários aspectos da comunicação seu diagnóstico e tratamento são complexos, realizados por uma equipe multidisciplinar. As intervenções podem ser psicossociais e educacionais voltadas para comunicação e interação social, por isso é necessário o trabalhar na perspectiva do lúdico buscando estratégias adaptativas para estimular a interação com o meio social que convive.

Nessa perspectiva é importante salientar a importância dos jogos e brincadeiras para desenvolver habilidades cognitivas de forma interativa, além de estimular a criatividade,

---

<sup>1</sup> Especialista em Língua Aplicada ao Ensino de Língua Portuguesa - ISEP - PE,  
[anahelena200127@gmail.com](mailto:anahelena200127@gmail.com);

raciocínio e interação com o outro, além de auxiliar o professor no trabalho docente com alunos com TEA.

As atividades desenvolvidas na perspectiva do lúdico devem ser voltadas para as dificuldades do estudante com o objetivo de incentivar e melhorar a comunicação, o contato visual e conseqüentemente a aprendizagem. Analisar o desenvolvimento cognitivo dos alunos através das estratégias propostas, uma vez que esses estudantes não são incluídos efetivamente no contexto educacional.

Diante do exposto, a sala de aula é uma excelente oportunidade de observação e análise de estratégias para auxiliar o indivíduo com Autismo e suas necessidades de aprendizagem, perceber os envoltimentos relacionais entre a família e a escola responsáveis pelo desenvolvimento de uma criança ou adolescente com este Transtorno, como também implementar estratégias de intervenção no grupo onde está inserido.

## REFERENCIAL TEÓRICO

Em 1906, o termo “autismo” foi nomeado pelo psiquiatra Plouller, após análise em crianças diagnosticadas, inicialmente, com demência infantil e sinal clínico de isolamento frequente na maioria dos casos. Em 1943, Leo Kanner, ao estudar 11 casos, escreveu sob o nome de “Distúrbios Autísticos do Contato Afetivo”, o comportamento de crianças autistas dos dois aos oito anos, percebeu que essas eram solitárias pela incapacidade de se relacionar com as outras pessoas e com o meio social que conviviam. Kanner também menciona em suas análises que essas crianças tinham resistência a mudança e a movimentos estereotipados.

Hans Asperger, em 1944 foi um pediatra austríaco, que mesmo desconhecendo a publicação de Leo Kanner, teve interesse em estudar 4 crianças com dificuldades de interação caracterizado por ele como isolamento social. Em 1978, Michael Rutter apresentou quatro características para classificar o Transtorno: “1) atraso e desvio sociais, não só como função de retardo mental; 2) problemas de comunicação, novamente, não só em função de retardo mental associado; 3) comportamentos incomuns, tais como movimentos estereotipados e maneirismos; e 4) início antes dos trinta meses de idade.” (KLIN, 2006, p.2)., considerado na época um grande avanço, dando origem ao termo

“Transtorno Invasivo do Desenvolvimento” (TID), como era encontrado no DSM-III (Manual Diagnóstico e Estatístico).

No DSM-IV o autismo estava localizado em “Transtornos Globais do Desenvolvimento”, onde englobava subcapítulos como: Transtorno Autista, Transtorno de Rett, Transtorno Desintegrativo da Infância, Transtorno de Asperger e Transtorno Global do Desenvolvimento Sem Outra Especificação. Levava em conta uma tríade de sintomas, prejuízo nas áreas de interação social, comunicação e comportamentos repetitivos, se manifestando na primeira infância (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2002).

Estudos recentes denominaram-se de Transtornos do Espectro do Autismo (TEA) para se referir ao Autismo, Síndrome de Asperger e o Transtorno Global do Desenvolvimento sem Outra Especificação, excluindo assim o Transtorno de Rett e o Transtorno Desintegrativo da Infância.

Para diagnosticar o TEA podem ser utilizados os manuais, o CID (Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde) e o DSM. É essencialmente clínico por meio de uma equipe interdisciplinar que fará a observação da criança, entrevista com os pais/cuidadores e professor (a), se estiver na escola. Quanto mais cedo diagnosticado, maiores são as possibilidades de respostas positivas, uma vez que o cérebro tem maior plasticidade nos primeiros seis anos de vida, bem como a estimulação que atenda às necessidades da criança é fundamental nesse período.

## **DESENVOLVIMENTO COGNITIVO NA PERSPECTIVA DO LÚDICO EM CRIANÇAS COM TEA**

O brincar é algo fascinante para o ser humano. Através das brincadeiras podemos observar diversas habilidades, como interação, socialização, cooperação, empatia. No ato de brincar o indivíduo recria possibilidades, revive situações, estimula sua memória, além de estimular os neurotransmissores responsáveis pelas sensações de felicidade e bem-estar. As brincadeiras e os jogos foram considerados instrumentos de aprendizagem no século XIX, quando surgiram os primeiros estudos com crianças portadoras de deficiências mentais. Maria Montessori foi uma precursora do lúdico voltado para aprendizagem e até hoje os seus métodos são utilizados.

Em crianças que possuem TEA é fundamental a estimulação através de jogos e brincadeiras, tendo em vista suas peculiaridades relativas à comunicação e interação social presentes na maioria dos diagnósticos. Para isso, se faz necessário um acompanhamento com profissionais capacitados, comprometidos com essas crianças, que não estejam preocupados apenas com o desenvolvimento das habilidades conteudistas, mas que valorize e incentive cada avanço da criança. Diante do exposto, corroboro com Kauark e Muniz (2011, p.85):

[...] Sendo assim, como ser excelência na educação? É ter a competência de sensibilizar, conscientizar, e motivar os alunos, para que os objetos propostos propiciem uma integração maior na organização do grupo na sala de aula, e desenvolver novas posturas, culturas para o sucesso nos processos participativos [...]

Os profissionais que atuam diretamente com pessoas com dificuldades de aprendizagem devem ter essa percepção que cada indivíduo tem o seu tempo de aprendizagem, respeitá-lo e essencialmente valorizar e estimular cada conquista deles, a motivação transforma toda dificuldade em possibilidade.

## **METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)**

Tendo em vista que é um tema complexo, com diagnóstico realizado por equipe interdisciplinar e intervenções apropriadas cada criança com seus sintomas inerentes, a metodologia será bibliográfica e pesquisa de campo. Visando alcançar uma maior veracidade do problema em estudo. A pesquisa de campo aconteceu em uma Escola Alfa (nome fictício), tendo por sujeitos: o estudante dos Anos Finais diagnosticado com TEA, professores, auxiliar de sala, coordenação, além da mãe do estudante que contribuiu bastante para que pudesse entender e intervir com o estudante.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

O aluno J.A.S estuda no 7º Ano B dos Anos Finais. Por possuir o Transtorno do Espectro Autismo (TEA), ele tem dificuldades de interação e socialização em sala de aula, dificuldades na fala e de aprendizagem (leitura, escrita e aritmética) tanto com professores

quanto com os colegas de turma, passa a maior parte do tempo em sala desenhando e não costuma ter o contato visual com os diversos professores da turma, exceto com a sua assistente.

Os pais não possuem informações suficientes sobre o transtorno tampouco sobre como auxiliar seu filho, portanto o acompanhamento familiar é ineficiente, deixando lacunas educacionais e sociais na vida do estudante. Na escola frequenta a sala regular, porém nem todos os professores têm disponibilidade e conhecimento suficientes para auxiliá-lo nas atividades propostas ou diferenciadas abrangendo suas necessidades.

A observação inicial aconteceu na própria sala de aula do estudante, foi um momento muito significativo, pois pude analisar o comportamento do mesmo sem que ele pudesse imaginar minha análise, ou seja, ele não ficou tímido, nem assustado uma vez que o mesmo estava livre em seu contexto habitual, facilitando assim as possíveis estratégias que poderia usar para chamar sua atenção e interação em momentos posteriores.

Um segundo momento foi uma conversa informal com a mãe do estudante, alguns professores e coordenadora. Como citado anteriormente, a conversa com a mãe fez com que eu tivesse uma melhor compreensão sobre o comportamento do estudante e como poderia realizar algumas atividades lúdicas com o estudante, uma vez que ficou claro seus gostos e preferências. A conversa com os professores, auxiliar de sala e coordenação foi essencial e esclarecedora, percebi que existe uma dificuldade de interação com o estudante, alguns por falta de conhecimento, outros por atribuir a auxiliar de sala essa interação.

O primeiro contato direto com o estudante não aconteceu em sala de aula, mas na biblioteca da escola. Em uma mesa grande, distribuí várias folhas de papel sulfite e lápis para colorir, já que é uma das poucas atividades que ele gosta de produzir na escola. Comecei a olhar nos olhos dele, mesmo que ele evitasse o contato visual, perguntei sobre o que estava desenhando, não obtive resposta. Fiz a mesma atividade que ele para demonstrar interesse e importância ao que estávamos fazendo e conseqüentemente conquistar sua confiança para os próximos encontros.

Nos encontros subsequentes propus outras atividades que chamaram a atenção do estudante, como por exemplo: o jogo Cilada (jogo de encaixe), nesse jogo ele demonstrou interesse percepção e, sobretudo por ser de encaixe foi algo que prendeu sua atenção, facilitando assim a minha análise sobre o mesmo. O uso de ferramentas de brinquedo

(alicate, chave de fenda, martelo) foi algo que prendeu a atenção dele, pois coloquei alguns brinquedos quebrados para que ele pudesse fazer os consertos utilizando as ferramentas. Com o alfabeto móvel ele conseguiu identificar alguns letras, porém como ele possui dificuldade na leitura trocou por diversas vezes as letras que eu solicitei, onde pude perceber que o mesmo não é alfabetizado apesar de cursar o 7º Ano.

Assim sendo, a prática realizada com o estudante J.A.S em estudo e as pesquisas realizadas efetuadas permitiram-me aprender muito acerca desta problemática e de que forma poderia intervir com o estudante com necessidades educativas especiais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com os estudos realizados e as observações feitas, o aluno J.A.S e a família precisam de um acompanhamento multiprofissional como Fonoaudióloga, Neuropedagogo, Psicólogo, Terapeuta Ocupacional visando sua melhoria, interação e socialização com o meio de convivência extrafamiliar que é a escola.

Na escola o corpo docente precisa ter um comprometimento maior com o estudante, uma vez que mesmo com assistente, o aluno é do profissional responsável por cada disciplina, ou seja, é papel dele também se inteirar e atuar nas necessidades especiais de seus estudantes. A coordenação da escola pode realizar uma conversa para conscientizar e explicar a seus profissionais sobre o Transtorno que acomete o aluno e solicitar que sua avaliação seja diferenciada, com provas adaptadas tendo em vista que o mesmo não acompanha o nível da turma. Além de reconhecer a importância das estratégias de aprendizagem que utilizem jogos e brincadeiras como abordagens pedagógicas para o aprimoramento do trabalho docente com os alunos com TEA.

Segundo Lima (2012, p. 65) “todas as crianças com necessidades educativas especiais que estão integradas no Ensino Regular devem ter um programa educativo individual dirigido especificamente às suas necessidades”. A quantidade de objetivos deve ser definida em função do tempo que os intervenientes irão ter para trabalhar com a criança e as áreas a serem trabalhadas devem ser distribuídas pelos vários intervenientes para poderem trabalhar o máximo de objetivos possíveis, por isso, é em função das necessidades de cada criança que existem alguns objetivos gerais que correspondem às

áreas que devem ser estimuladas como: a interação social; comunicação; competências acadêmicas; atenção/concentração; desenvolvimento psicológico; comportamento; autonomia; desenvolvimento motor e integração sensorial.

A família desempenha um papel fundamental na vida de qualquer indivíduo, especialmente em crianças e adolescentes com este Espectro que precisam de muitos cuidados e de muita atenção. É importante que a família aceite e procure apoio em e nos profissionais que possam ajudar a entender melhor como lidar com o Transtorno tendo como prioridade a criança ou adolescente e o seu bem-estar.

Os professores encontram dificuldades para trabalhar com esses alunos e na escola não há uma metodologia específica para trabalhar com eles. Sendo assim cabe a cada professor, utilizar métodos de ensino que for mais adequado, visando alcançar rendimento na aprendizagem dos mesmos. Entretanto, vale ressaltar que diante de cada situação ainda se encontra as dificuldades tanto com as crianças, como com o ambiente para desenvolver as atividades. Lidar com crianças e adolescentes Autistas não é fácil, mas cabe ao educador pesquisar, ler e estar atualizado sobre o assunto, ter vontade de aprender para interagir com seus alunos para que assim, possa atingir seus objetivos referentes à aprendizagem dos mesmos. Em relação a isso Glat (1988, p. 11) afirma:

Se não houver uma modificação estrutural no sistema educacional brasileiro, a inclusão de alunos portadores de necessidades especiais, principalmente os mais prejudicados, nunca será concretizada, logo, a noção de inclusão total não é uma proposta, e sim uma utopia.

Existe uma profunda diferença no processo de simplesmente aceitar, respeitar e compreender as diferenças, o que exige que as pessoas estejam dispostas e comprometidas em cooperar com os estudantes com necessidades especiais. Não se trata apenas de acolher a diversidade, mas de compreender sua emergência e complexidade na realidade de cada sujeito.

O professor deve ser ético, respeitar e reconhecer que cada aluno tem sua especificidade e seu tempo de aprendizagem. A diferenciação nas práticas de sala de aula é justificada pelas diferentes ações do professor. Então, o papel fundamental do professor atual é otimizar o potencial de cada estudante a partir dos processos cognitivos

fundamentais através da emoção e vínculos afetivos, enxergar possibilidades para oportunizar aprendizagens.

**Palavras-chave:** Autismo; Abordagens lúdicas; Escola; Papel do professor.

## REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **DSM-IV- Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais**. 4.ed. Porto Alegre: Artmed, 2002.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **DSM-V- Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais**. 5.ed. Porto Alegre: Artmed, 2013.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Diretrizes de Atenção à Reabilitação da Pessoa com Transtornos do Espectro do Autismo**. Brasília: Série F. Comunicação e Educação em Saúde, 2013.

GLAT, Rosana. **A integração dos excepcionais: Realidade ou mito?** Mensagem da APAE, 1988.

KAUARK, Fabiana; MUNIZ, Iana. **Motivação no ensino e na aprendizagem: competências e criatividade na prática pedagógica**. 2 ed. Rio de Janeiro: Wak, 2011.

KLIN, A. **Autismo e Síndrome de Asperger: uma visão geral**. Revista Brasileira de Psiquiatria. V.28 p. 3-11, 2006.

LIMA, C. (2012). **Perturbações do Espectro do Autismo -. Manual Prático de Intervenção**. 2.<sup>a</sup> Edição Revista. Lisboa: LIDEL - Edições Técnicas.